

Na primeira parte deste artigo, intitulado A Vida no Mundo Espiritual – Parte I [1], vimos que os espíritos, enquanto desencarnados, se mantêm ocupados com atribuições compatíveis com a harmonia do Universo em conformidade com a “vontade de Deus” em uma análise da informação contida em O Livro dos Espíritos [2].

Em processo evolutivo continuado, logicamente, o espírito não se mantêm indefinidamente no cumprimento de determinada tarefa, galga patamares mais elevados de conhecimento e, com isso, estará apto a responsabilidades em conformidade com suas conquistas. Sendo Deus a inteligência por si mesma, além da infinita bondade e justiça, não seria cabível que fora estabelecido regras em que os espíritos estivessem irremediavelmente condenados a uma tarefa; o tédio se estabeleceria e, podemos dizer que seria outra versão do inferno. Assim, podemos considerar que a existência do espírito é repleta de novidades e desafios, demandando sempre a busca de aprendizado e desenvolvimento de capacidades em diversas áreas.

O espírito, seja encarnado ou não, e isso vale também para a forma como se processa nas nossas atividades profissionais, desenvolve as capacidades pessoais, sejam quais forem, através da aquisição de experiência e, para tanto, é necessário o contato direto e constante com as situações, são as vivências. Neste processo tem-se aquelas vivências em que o espírito é participante ativo, mas também existe outro tipo que pode ser descrito como estímulos. O exemplo mais elucidador quanto aos estímulos são as crianças recém-nascidas até meses de idade. Nesta etapa do desenvolvimento humano, o cérebro é estruturado através de estímulos. Depois de certa idade, as crianças já tomam um papel ativo, mas os estímulos são sempre necessários.

Assim, para o desenvolvimento em uma área específica, tal como na educação, um professor necessita anos no trato com alunos para ganhar experiência, podemos imaginar o processo para todas as áreas possíveis e imagináveis nas tarefas relacionadas com a manutenção da harmonia do Universo.

A necessidade de aquisição de experiências e vivenciar as mais diversas situações no intuito de aprimorar o aprendizado e compreensão de questões que transcendem o entendimento comum foi apresentada à Kardec quando da elaboração da Codificação Espírita e diz que “todos temos que habitar em toda a parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente ao que se efetua em todos os pontos do Universo” [3].

Enquanto na visão comum da vida no planeta tende para a especialização, compartimentando o conhecimento e, com isso, limitando-o aos interesses e preferências pessoais, o espírito, em sua romagem para a elevação, necessita de experiência ampla nas mais diversas áreas. É compreensível que, para o espírito desencarnado, a partir de uma determinada condição, a capacidade intelectual é muito mais abrangente que a nossa, contudo, é preciso exercitar a mente. Neste contexto, é imperioso o entendimento de que é possível, e até mesmo desejado, aprender com os erros e equívocos cometidos pelos outros, pois, observando a relação entre causa e efeito no que concerne outros espíritos, podemos identificar o que seja adequado ou não.

Observar e aprender com os outros não denota julgamento e uma possível condenação. Julgar o comportamento alheio não é uma prática apropriada e, segundo o ensinamento de Jesus, não devemos julgar para não sermos julgados [4]. É importante ressaltar que este ensinamento de Jesus não significa que seremos julgados por Deus ou um ser superior, mas por nós mesmos. Nossas viciações não são compartimentadas como

podemos pensar, mas abrangentes. Em contrapartida, a observação e análise das atitudes dos outros, sem condenação de qualquer tipo, mas apenas aplicando o que foi observado para si mesmo com a subsequente avaliação se lhe cabe ou não tal comportamento, denota aprendizado.

Aplicando-se a prática de aprender com a observação e análise do comportamento daqueles com quem nos deparamos, promove um aprendizado sem a necessidade de vivenciar as consequências de condutas equivocadas. Portanto, um espírito, encarnado ou não, para aprender sobre expiações, por exemplo, não necessita de compatibilidade, mas poderá trabalhar com espíritos nesta condição, mesmo que seja nas tarefas mais simples ou através da observação.

Temos a tendência em acreditar que a humanidade é má por natureza por convivemos com tanto mal sobre a Terra, e que a conversão é impossível. Todavia, a espírito, no evento de sua criação, é dotado de amplas faculdades para praticar o bem [5]. É mais natural praticar o bem do que o mal e este é o motivo pelo qual passamos por situações desagradáveis, as consequências de comportamento danoso, pelo fato de que nossas condutas serem contrárias à nossa própria natureza. Além disso, segundo informação que se encontra na Codificação, nem todos os espíritos passam pela condição de expiação, pois, apesar de sermos almas de natureza voltada para o bem, “há as que sucumbem” [5] e que encarnam em mundos como a Terra para a regeneração pessoal.

Segundo a informação no parágrafo anterior, o espírito, no seu processo de Criação, é dotado de faculdades para a prática do bem, assim como o recém-nascido é dotado de faculdades para o aprendizado e adequação ao mundo. Assim, todos tendemos para o bem e altruísmo.

Todavia, o aprendizado requer experiência e tomada de decisões, isto é, livre-arbítrio. Fica claro que, apesar das dificuldades inerentes ao processo, a democracia ainda é a melhor forma de governo em um país, pois, a liberdade de escolhas é uma demanda das faculdades do espírito. Sistemas ditatoriais inibem esta demanda natural, causando frustração e infelicidade.

Em decorrência do livre-arbítrio, há possibilidade de escolher, por razões ainda desconhecidas para nós, fazer o mal, dando ensejo ao surgimento do orgulho e do egoísmo. Isto, no entanto, não significa que todos seguem este caminho, pois, se “há os que sucumbem” [5], há os que não sucumbem.

Podemos concluir que aqueles que não sucumbem e nunca se encontram na condição de expiação podem, ou devem, experienciar mundos de expiação para aprenderem a tratar/cuidar de espíritos nesta condição. Nestes casos, a presença destes espíritos em um mundo não compatível com a sua condição caracterizaria uma missão.

Portanto, nem todos que se encontram em um determinado mundo são compatíveis com ele. É importante ressaltar que nem todos os espíritos sucumbem ao orgulho e egoísmo e, por isso, processos de expiação não são comuns a todos.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; A Vida no Mundo Espiritual – Parte I, https://www.ccontti.com/Texto2020/5_VidaMundoEspiritual.pdf
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 558.
3. Ibidem; questão 560.
4. ____; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. X.
5. Ibidem; Cap. III, item 16.